

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

MO.LE.CA. SAI DO ARMÁRIO:

Experiência de uma militância lésbico-feminista nos anos 2000

Bruna Pimentel Cilento¹

Cássia Santos Garcia²

Maria Helena de Almeida Freitas³

Resumo: O presente relato se propõe a traçar um breve histórico do Grupo Mo.Le.Ca – Movimento Lésbico de Campinas, que existiu durante uma década (2000 a 2010), no interior do Estado de São Paulo, com a finalidade de recuperar e expor as memórias de suas ações políticas e culturais que causaram fissuras ao heteronormativismo da conservadora cidade de Campinas-SP e serviram de inspiração para diversas militantes lésbicas de todo o Brasil, tendo em vista que o Mo.Le.Ca. valia-se da arte para colocar mulheres lésbicas e bissexuais na centralidade das discussões, retirando-as da invisibilidade, por meio de mostras de arte, filmes, cursos, teatro do oprimido, performances, entre outras.

Palavras-chave: Mo.Le.Ca.; Artivismo lésbico-feminista; Lesbofobia; Campinas.

Introdução

Este texto nasceu da vontade de manter a memória e destacar a importância e impasses da autorrepresentação e da coletividade cultural das ações lésbico-feministas do

¹ Advogada, Mestre em Urbanismo, Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela PUC-Campinas. Presidenta da Comissão da Diversidade Sexual e de Gênero da 139ª Subseção de Valinhos da OAB/SP, Coorganizadora do Clube de Leitura “Mulheres que leem mulheres”. brunapimentel@adv.oabsp.org.br.

² Neurocientista, Cientista social e Psicanalista Clínica, membro e docente do Instituto Paulista de Psicanálise, Mestre em sociologia pela USP e Doutora pela Unicamp.csgargia@gmail.com

³ Bacharela em Biblioteconomia pela PUC-Campinas e em Filosofia pela UnB, Mestra em Biblioteconomia pela PUC-Campinas e Mestra em História da Ciência pela PUC-SP. mhelena.af@gmail.com

Movimento Lésbico de Campinas (Grupo Mo.Le.Ca.⁴), e é construído a partir da perspectiva de três mulheres que o integraram ao longo de sua trajetória.

O Mo.Le.Ca. foi uma organização não governamental sem fins lucrativos, fundada em maio de 2000, na cidade de Campinas, interior do estado de São Paulo. Existiu por uma década, encerrando suas atividades no final do ano de 2010.

Conforme seu estatuto, o Mo.Le.Ca. definia-se de orientação feminista e se propunha a discutir e debater a experiência homossexual entre mulheres, tendo as seguintes finalidades: defender a ampliação dos seus direitos sociais, civis e políticos de mulheres lésbicas e bissexuais; ser um instrumento de luta pela conquista de sua plena cidadania e defesa de seus direitos humanos e civis; atuar contra e denunciar quaisquer formas de discriminação, preconceito e intolerância; estabelecer relações com outras entidades que atuassem na defesa dos direitos humanos, dos direitos de homossexuais e dos direitos das mulheres; e ser um instrumento de reflexão sobre a subjetividade lésbica em todos os espaços de articulação.

As mulheres cis que o idealizaram vinham de outro coletivo LGBTQIA+ de Campinas, o Grupo Identidade⁵, mas sua formação inicial contou ainda com outras convidadas, que se interessaram pela militância lésbico-feminista. A criação de um grupo formado somente por mulheres (em sua grande maioria cis) mostrou-se fruto da necessidade da discussão e da atuação totalmente voltadas às pautas e representações lésbico-feministas, necessidade esta não satisfeita, na época, por nenhum outro coletivo da região.

Na década de 1990 e no início dos anos 2000 era habitual que as mulheres cis e trans pertencentes a coletivos mistos (compostos por homens cis e trans e mulheres cis e trans) demonstrassem algum desconforto e timidez frente aos homens cis com os quais dividiam os espaços. Isso pode ser explicado, conforme Judith Butler, pelo fato da estrutura patriarcal se reproduzir mesmo em espaços de ações políticas voltadas às populações LGBTQIA+:

⁴ A grafia da abreviação do nome do grupo, com pontos era para criar justamente um trocadilho com a palavra moleca, que significa menina travessa e que também é o nome de uma marca de sapatos femininos, em referência à sapatão, forma como são chamadas as mulheres lésbicas no Brasil.

⁵ Grupo de Luta pela Diversidade Sexual, de Campinas - SP

Não basta inquirir como as mulheres podem se fazer representar mais plenamente na linguagem política. A crítica feminista também deve compreender como a categoria das 'mulheres', o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais se busca a emancipação. (BUTLER, 2003, p. 19).

A formação do Mo.Le.Ca. colocou aquelas lésbicas em um lugar central. Agora eram elas que lideravam suas demandas e estabeleciam as prioridades - sem o incômodo de se dividirem entre opinar e ao mesmo tempo secretariar e preparar o café.

Atividades e visibilidade

As atividades dividiam-se em dois grandes eixos: as reuniões (em que ocorriam de debates de ideias, trocas de experiências e afetos) e as ações socioculturais. No início de suas atividades, o Mo.Le.Ca. aglutinava, em média, dez mulheres em cada encontro.

A primeira atividade pública do grupo foi a participação na 5ª Parada do Orgulho GLBT⁶ de São Paulo, em 2001, que concentrou cerca de duzentas mil pessoas naquele ano⁷. Com camisetas nas quais se lia “Tem Moleca na Parada”, o grupo enfatizava o protagonismo lésbico na militância homossexual. Neste mesmo ano o escritor Marcelo Rubens Paiva (2001) em artigo publicado no jornal Folha de S. Paulo relatou: “Na Parada, policiais em motos abriram espaço para os manifestantes, como da Moleca (Movimento de Lésbicas de Campinas), passarem. No jogo, a polícia cercou os torcedores para eles não saírem dos limites”.

Após essa primeira aparição pública, as reuniões do Mo.Le.Ca., que ocorriam no Museu da Cidade⁸, começaram a ter o dobro de participantes. No intuito de aumentar e

⁶ A Associação da Parada de São Paulo, que hoje em dia reúne, anualmente, aproximadamente 3 milhões de pessoas, mudou no ano de 2008 sua denominação para Parada do Orgulho LGBT.

⁷ CORRÊA, MARIA & LEITE, 2001.

⁸ O grupo escolheu, propositalmente, um espaço público para suas reuniões, no intuito de deixar evidente que era uma atuação coletiva pública, e não restrita a ambientes privados ou elitizados, para que se evitasse a ideia do disfarce e do encoberto. O Museu da Cidade fica na antiga área central de Campinas, próximo à Estação Cultura.

enriquecer sua atuação, o grupo passou a promover inúmeras atividades públicas e políticas, utilizando fartamente a arte na comunicação de suas pautas e interesses.

As reuniões abertas ocorriam o ano todo, com periodicidade semanal, ou quinzenal, sempre aos sábados, sendo exclusivas às mulheres, independente da orientação sexual (no início das atividades do grupo, o conceito da cisgeneridade compulsória não estava tão evidenciado como atualmente). As pautas eram previamente decididas, e tinham como objetivo a autocompreensão e o empoderamento das participantes, como mulheres, como lésbicas e como cidadãs.

Contudo, havia certa dificuldade em manter-se o vínculo das novas frequentadoras às reuniões, de modo que elas se tornassem militantes da causa lésbica. Além de ocorrerem em um dia normalmente dedicado ao lazer, propunha-se uma atividade de reflexão, o que nem sempre era convidativo. Muitas destas mulheres também queriam aproveitar o espaço para a paquera, para conhecerem outras lésbicas, para falarem de sexo. Os temas sexo, posições sexuais, desejos lésbicos, brinquedos sexuais, flertes entre mulheres, filmes e séries com temática lésbica, celebridades lésbicas e bissexuais eram sempre os mais atrativos. Afinal, em que outro espaço teriam liberdade para falar sobre sexualidade não heteronormativa, sem serem repreendidas? Em que outro espaço encontrariam representatividade?

No mesmo ano de 2001 o Mo.Le.Ca. é mencionado no Episódio 10 da 1ª Temporada da série Os Normais (TV Globo, 2001), escrita por Fernanda Young e Alexandre Machado, na cena em que a escritora Leonora Vorsky (Regina Casé) apresenta Vani (Fernanda Torres) e sua amiga Narah (Maria Luísa Mendonça), que estão fingindo ser um casal lésbico, a um grupo de militantes LBGT no coquetel de lançamento do livro denominado “Relação mal resolvida é uma pia entupida”:

Leonora: Eu quero apresentar vocês a várias lideranças do movimento gay. Aqui Luanda, Tucão, elas são do Grupo Mo.Le.Ca., já ouviu falar? Movimento Lésbico de Campinas. Muita visibilidade. Estas são Narah e Vani. Elas resolveram a relação homossexual delas lendo justamente o meu livro. (OS NORMAIS, 10, 2001)

Essa inesperada aparição na mídia trouxe visibilidade ao grupo, atraindo novas participantes para as atividades e aumentando a simpatia pela militância.

O grupo Mo.Le.Ca. passou a reunir mulheres de diferentes classes sociais, raças, idades e formações. Elas estavam ávidas por finais felizes, estavam fartas de serem representadas como alienígenas, vampiras ou mulheres depressivas. Preferiam ver suas heroínas, tais como a Xena⁹, “saírem do armário”.

É importante ressaltar que a pauta bissexual era pouco tratada nas reuniões, o que foi criticado por bissexuais integrantes, que se sentiam discriminadas e pouco representadas nas atividades. O grupo procurou inserir a temática em todos os textos públicos e nas reuniões, porém, na visão dessas integrantes, isso não diminuiu a invisibilização dessas mulheres, que ora eram tratadas como lésbicas, ora como promíscuas, sendo a subjetividade bissexual tratada como um tabu, uma lenda folclórica do movimento LGBTQIA+, objeto de piadas misóginas e bifóbicas, muitas vezes proferidas pelos próprios militantes da causa.

Após o primeiro ano de funcionamento, o grupo perdeu o Museu da Cidade como local de reunião, em razão da reforma da instituição, mudando inúmeras vezes de local até conseguir uma sede, que foi proporcionada a partir de financiamentos de instituições variadas, como Astraea Lesbian Foundation for Justice (norteamericana), Open Meadows Foundation (norteamericana), Mamacash (holandesa), Fundo Angela Borba (brasileira), Coletivo de Feministas Lésbicas - CFL (brasileira), Ministério da Cultura do Governo Federal e Prefeitura Municipal de Campinas (governamentais brasileiras). Essas instituições financiaram não somente a sede administrativa do grupo, como também a maior parte de seus projetos e ações.

Com o tempo, mais atividades foram aparecendo, muitas ligadas a outros coletivos, eventos públicos e datas comemorativas. Assim, além dos projetos que o grupo desenvolvia - como as reuniões abertas ao público lésbico e a elaboração de textos informativos para a imprensa e do boletim informativo trimestral “Na ponta da língua”, eram realizadas também exposições de filmes temáticos, além de mostras de arte lésbica, cursos de cidadania lésbica e produção de dois curtas-metragens.

⁹ Personagem da série de TV americana denominada Xena – A Princesa Guerreira, exibida no SBT, que abusava do subtexto lésbico-erótico, caindo nas graças do público de mulheres lésbicas e bissexuais.

O grupo também atuou com outros coletivos em eventos públicos, como a organização das dez primeiras edições da Parada do Orgulho LGBT de Campinas, a organização das três primeiras edições (2003, 2004 e 2005) da Caminhada de Lésbicas e Simpatizantes de São Paulo (atual Caminhada de Mulheres Lésbicas e Bissexuais de São Paulo), participações nas edições da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, no Grupo Matricial de Mulheres que Fazem Sexo com Mulheres, do Ministério da Saúde, no Subgrupo Informação e em eventos da Liga Brasileira de Lésbicas (LBL).

O Mo.Le.Ca participou ativamente de vários fóruns e eventos municipais, estaduais e nacionais, tais como os 5º (2003) e 6º (2006) Seminário Nacional de Lésbicas (SENALE¹⁰); eventos do Dia Internacional da Mulher em Campinas, com o movimento de mulheres da região; e o Orçamento Participativo da Prefeitura Municipal de Campinas/SP (2001 a 2004), entre outros.

É importante salientar que as atividades do Mo.Le.Ca. sempre contaram com o apoio de outros coletivos, não necessariamente ligados à temática lésbico-feminista. E esses apoios não se davam somente no suporte financeiro, mas também na mobilização social, na disponibilização de local para realização de atividades, nos transportes para eventos, no fornecimento de material, nas trocas de ideias e nas propostas de projetos conjuntos.

Houve uma rede de ajuda entre coletivos sociais, no sentido de múltiplo empoderamento, tendo o grupo dividido sede com a Organização não governamental (ONG) Casa Laudelina de Campos Mello – Organização da Mulher Negra (Figura 01) e em seus últimos anos com o Grupo Identidade.

Figura 1: Casa Laudelina e Mo.Le.Ca. em reunião na sede

¹⁰ O primeiro SENALE (atual SENALESBI) ocorreu em 1996, no Rio de Janeiro, sendo nele estabelecido o dia 29 de agosto como DIA NACIONAL DA VISIBILIDADE LÉSBICA. As edições do evento em 2003 e 2006 ocorreram respectivamente nas cidades de São Paulo (SP) e Recife (Pernambuco), sendo hoje o maior evento deliberativo de movimento de mulheres – cis e trans - lésbicas e bissexuais no Brasil.



Fonte: Autoria própria, Campinas, 2004.

Arte e política: Artivismo

A utilização da arte como linguagem e ferramenta política, atualmente conhecida como artivismo, foi compreendida pelo Mo.Le.Ca. como inovadora e potente, valendo-se dessa forma de expressão política durante toda a sua existência, influenciando uma série de ações de grupos lésbicos espalhados pelo Brasil. A arte foi uma forma lúdica e simbólica de atrair a sociedade para as demandas lésbicas.

O desafio do artivismo feminista e dos movimentos de mulheres, em geral, imprescinde da compreensão de que o espaço da política institucional não é um espaço novo, mas o espaço do outro, que tem de ser rompido e transformado.

Considere que arte ativista não significa apenas arte política, mas um compromisso de engajamento direto com as forças de uma produção não mediada pelos mecanismos oficiais de representação. Esta não mediação também compreende a construção de circuitos coletivos de troca e de compartilhamento, abertos à participação social e que, inevitavelmente, entram em confronto com os diferentes vetores das forças repressivas do capitalismo global e de seu sistema de relações entre governos e corporações, a reorganização espacial da cidade, o monopólio da mídia e do entretenimento por grupos poderosos, redes de influência, complexo industrial-militar, ordens religiosas, instituições culturais, educacionais, etc. (MESQUITA, 2011, p.17)

Nessa medida, a arte ativista, em todas as suas formas, é uma alternativa poderosa ante os modelos oficiais de representação.

O Mo.Le.Ca. realizou em Campinas cinco mostras de arte, entre 2002 e 2010. A ideia da mostra de arte veio de Régis Moreira, integrante do Grupo Identidade e Supervisor de Comunicação do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, dedicado a pessoas com transtornos mentais. O Cândido Ferreira desenvolvia um programa de artes

plásticas com seus pacientes. A ideia proposta acoplaria os dois interesses: os artistas do Cândia trabalhariam com a temática lésbica e seus trabalhos seriam expostos numa mostra de arte organizada pelo Grupo Mo.Le.Ca.

Assim foi concebida a 1ª Mostra de Arte Lésbica, realizada em 2002, no Centro Cultural Evolução, com o tema **Lésbica com todos os sentidos**, com a participação dos artistas do Cândia Ferreira, alguns outros artistas convidados e textos de Vange Leonel¹¹. Doações e trabalhos voluntários a viabilizaram financeiramente. O principal patrocínio veio da Prefeitura Municipal de Campinas (gestão de 2001/2004), através da Coordenadoria do Orçamento Participativo, além do apoio de ONG's, sindicatos e conselhos de classe. Apesar do pequeno público atingido (apenas 150 visitantes), a Mostra foi considerada uma vitória por utilizar uma nova linguagem para a discussão da sexualidade.

Figura 2 – Cartaz da 1ª Mostra de Arte Lésbica de 2002



Fonte: Acervo pessoal, Campinas – SP, 2002.

A partir de 2002 o Mo.Le.Ca. estava consolidado como grupo. Contando com inúmeras integrantes, participou de fóruns da militância LGBTI regional e nacional, estabelecendo contatos com grupos feministas, envolvendo-se no Orçamento Participativo da Prefeitura Municipal de Campinas, com projetos voltados aos LGBT's,

¹¹ Foi cantora, compositora, escritora e militante LGBT brasileira, conhecida pela música "Noite Preta", tema da telenovela Vamp da TV Globo. Escreveu para o MixBrasil, Carta Capital e Revista da Folha.

prossequindo com suas reuniões semanais e com a publicação do boletim informativo “Na ponta da língua”, distribuído pelos bares frequentados por LGBTI’s da região de Campinas. Neste mesmo ano passou a organizar um grupo de Teatro do Oprimido, de temática lésbica, valendo-se da técnica desenvolvida por Augusto Boal¹².

A experiência de ativismo por meio do teatro do Oprimido teve inicialmente a colaboração da Ação Artística para Desenvolvimento Comunitário - ACADEC (Campinas/SP). Desenvolveram-se inicialmente duas esquetes teatrais: Cena 1 - Mãe oprime a filha lésbica, quando descobre sua sexualidade, a expulsando de casa; e Cena 2 (Figuras 3 e 4) - Um casal de namoradas lésbicas troca afetos em um bar e são compelidas a se retirarem do estabelecimento. A estreia do grupo de teatro foi na tenda do Centro de Teatro do Oprimido, montada na PUC-RS, por ocasião do 2º Fórum Social Mundial¹³ em fevereiro do ano de 2002, ocorrido na cidade de Porto Alegre – RS. O grupo teve a oportunidade não só de conhecer Augusto Boal pessoalmente, como de ser dirigido cenicamente por ele durante o ensaio final, antes das apresentações oficiais.

O grupo também apresentou um de seus esquetes no teatro Folha de S. Paulo (Figuras 3 e 4) durante evento em junho de 2002, em comemoração ao mês do Orgulho LGBT em São Paulo, no mesmo ano no IFCH da Unicamp e no Diretório do PT/Campinas, durante atividades de celebração à visibilidade lésbica.

¹² O Mo.Le.Ca. utilizou-se do Teatro-Fórum, uma das técnicas de Teatro do Oprimido, desenvolvida pelo teatrólogo Augusto Boal (1991), no qual atores ou não-atores interpretam uma cena de opressão e os espectadores são convidados a entrar na cena no lugar do oprimido, atuando com os outros integrantes para tentar findar a opressão ali exposta, pensando um agir social, a partir do lugar do outro, com a finalidade de libertá-lo da opressão.

¹³ O 2º Fórum Social Mundial foi realizado em contraposição ao Fórum Econômico Mundial que naquele ano ocorreu em Nova York, EUA.

Figura 3: Intervenção em Cena de Opressão



Fonte: Acervo pessoal, julho de 2002

Figura 4: Curinga interagindo com a plateia



Fonte: Acervo pessoal, junho de 2002

O Teatro do Oprimido colocou na centralidade dos debates de gênero e orientação sexual as especificidades opressivas pelas quais passavam as lésbicas, que excepcionalmente sofriam com a gravidez precoce, com o aborto, com o a contracepção, ou com o exercício da maternidade. Todavia, sofriam com a lesbofobia e, ao mesmo tempo, com a invisibilidade de suas subjetividades lésbicas.

A ação política construída, a partir e através dos processos simbólicos de elaboração - muito fortemente representados pelas artes em geral - permite a valorização das experiências em toda a sua diversidade. Desloca-se, assim, o eixo das hierarquias instituídas, dos lugares de privilégio, dessa forma, entende-se que o movimento se conectou ao pensamento interseccional, adotando as perspectivas do colonizado e dignificando as vivências periféricas.

Nesse contexto, em 2004, é montada a 2ª Mostra de Arte Lésbica **Amazonas do infinito**, novamente contando com os artistas do Cândido Ferreira, logrou financiamento mais sólido e foi aberta a outros artistas interessados. Além da exposição ser realizada em um importante teatro de Campinas, o Centro de Convivência Cultural, contou com a exibição de filmes, um catálogo mais elaborado e bilíngue e o lançamento do evento na 2ª Caminhada de Lésbicas e Simpatizantes de São Paulo, com integrantes do grupo

Mo.Le.Ca. e do Umas & Outras¹⁴ vestidas de Amazonas, portando escudos, braceletes e algumas montadas a cavalo em um dia escuro e chuvoso de junho.

Figura 5: Amazonas sobre cavalos na 2ª Caminhada



Figura 6: Divulgação da 2ª Mostra de Arte Lésbica



Fonte: Acervo pessoal, 2004.

Fonte: Acervo pessoal, 2004

No texto do catálogo da exposição, lia-se:

[...] Mas esse novo milênio mostra mudanças. Os movimentos dos negros, das mulheres, dos homossexuais, dos sem terra declaram o mundo em mudança, propondo uma nova ordem, uma nova vida. Não morreremos calados, mais uma vez. Estamos em combate. Como Amazonas.

É preciso considerar portanto, que, em oposição à ideia de um “sujeito da experiência” já plenamente constituído, a quem as situações “acontecem”, a experiência é o lugar da formação do sujeito como menciona Avtar Brah em sua obra (2006). Assim, o processo de construção das identidades é dinâmico, aberto e ativo. Nele - muito mais do que nas instituições tradicionais, no ambiente partidário, ou no meio acadêmico - a experiência é possibilidade de formação política.

[...] grupos de mulheres, que vivem diariamente em situações opressivas, frequentemente adquirem uma consciência das políticas patriarcais a partir de experiências vividas, assim como desenvolvem estratégias de resistência (mesmo quando não podem resistir de uma forma organizada) (HOOKS, 2015, p. 203).

¹⁴ Grupo também formado por mulheres lésbicas e bissexuais que atuou na cidade de São Paulo no início da década de 2000.

Aproximadamente, quinhentas pessoas assinaram o livro de presença. O Mo.Le.Ca. atingiu um considerável número de pessoas, alcançando seus objetivos de luta e passando à sociedade sua mensagem de valorização e direitos da mulher lésbica, tendo em consideração os limites nas condições de divulgação disponíveis naquele momento.

Alguns artigos assinados por integrantes do Mo.Le.Ca. e divulgações das exposições foram publicados em jornais e mídias locais, aumentando o alcance do grupo na interlocução com seu público alvo e com a sociedade em geral. Ao público LGBTQIA+ a militância queria reforçar a autoestima e o exercício da cidadania; aos demais, semear o combate à discriminação e violência contra mulheres bissexuais e lésbicas.

Ampliando sua atuação, o Mo.Le.Ca. organizou também cursos de cidadania lésbica, voltados especialmente à capacitação e a possibilidade multiplicadora de suas integrantes e às interessadas de modo geral. O curso teve três edições: 2004, 2005 e 2007.

A proposta dos cursos tinha como foco introduzir as participantes em algumas teorias e pensamentos sobre sexualidade, gênero, movimentos sociais e direitos das mulheres lésbicas e bissexuais, não só sob o prisma brasileiro, mas por visões internacionais, afinal, não há revolução sem teoria que a sustente (LÊNIN, 1977, 17). Para tanto, selecionou-se e apostilou-se textos (figura 09) e divididos em módulos. Cada módulo contou com a participação de um convidado, ora militante, ora pesquisador, ora militante-pesquisador.

Textos como “Identidade de Gênero e Sexualidade” de Miriam Pillar Grossi (1998), “Já se mete a colher em briga de marido e mulher” de Heleieth Saffiotti(1999) e “O processo civilizador 1: História dos Costumes” de Norbert Elias(1990) fizeram parte do 1º Curso de Cidadania Lésbica, que contou com importantes nomes da militância lésbica paulista como Marisa Fernandes e Rita Cerqueira de Quadros, bem como a então Procuradora do Trabalho, Renata Coelho.

As participantes receberam um exemplar da apostila com a reprodução da bibliografia e, para cada encontro, solicitava-se a prévia leitura do texto. O curso acontecia aos sábados, das 9h às 12h, dividindo-se em dois períodos. No primeiro período (das 9hs às 10h30), a facilitadora introduzia o tema do dia e passava a palavra ao

palestrante convidado, que explanava sobre o tema, trocava ideias e discutia dúvidas das participantes, seguindo-se um debate.

A segunda edição do curso, em 2005, seguiu a mesma estrutura e contou com importantes leituras, dentre elas trechos do livro “Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida” de Marilena Chauí (1984) e “Breve reseña de agunas teorías lésbicas” de Jules Falquet (2004), e recebendo como palestrantes convidados nomes importantes da militância LGBTIQIA+, como Regina Facchini (Figura 8) e João Silvério Trevisan (autor de Devassos no Paraíso), tendo este último provocado um acirrado debate entre as participantes, ao afirmar que a bissexualidade, em sua visão, não existia, em contraposição à explanação de Regina Facchini que tratou justamente da fluidez da sexualidade e do gênero e da “sopa de letrinhas” que formavam.

Ao final de cada curso as participantes eram convidadas a realizar uma avaliação coletiva de todas as atividades propostas e a escreverem relatos individuais a respeito dos aspectos negativos e positivos desta capacitação proposta, de forma que fosse viável avaliar se o curso contribuiu positivamente em suas vidas e se teriam disposição para tornarem-se militantes lésbicas e bissexuais no futuro. E algumas, de fato, se tornaram.

Figura 7 – 1º Curso de Cidadania Lésbica



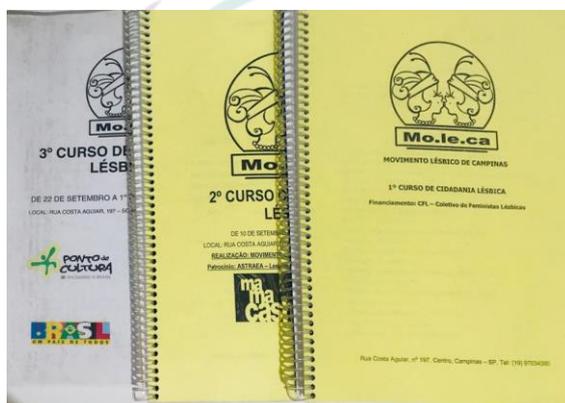
Figura 8 – 2º Curso de Cidadania Lésbica



Fonte: Acervo Pessoal, 2004

Fonte: Acervo pessoal, 2005

Figura 9 – Apostilas dos Cursos de Cidadania



Fonte: Acervo pessoal. 2004/2005/2007

A 3ª Mostra de arte, também realizada no Centro de Convivência Cultural, ocorreu em 2006. Intitulada **Histórias maU¹⁵ contadas**, não teve tanto estardalhaço como a anterior, mas uma boa divulgação regional e a exibição de variados filmes de temática Lésbica. A abertura contou com um show musical de um grupo feminino.

Em 2006, o Mo.Le.Ca. desenvolveu o projeto **Visibilidade Lésbica em Terminais Eletrônicos**, com a produção de um curta-metragem de temática lésbica e sua veiculação pública e gratuita por um terminal eletrônico - aparato que exibia o filme com um toque digital do espectador - alocado, por um mês, na Biblioteca Pública Municipal de Campinas. O curta-metragem, **Motivos do Coração**, retrata uma situação de conflito familiar, motivada pela revelação de uma adolescente a seus pais de sua paixão por outra garota, e que pretende sair de casa para morar com sua namorada.

Motivos do Coração fazia parte do CURTAS LGTB, um projeto criado por Genésio Marcondes Jr., roteirista e diretor do curta, e visava colocar em evidência a problemática vivida por adolescentes homossexuais, fomentando reflexão, estimulando a compreensão do universo lésbico, esperando-se a diminuição do preconceito e da violência contra as homossexuais.

¹⁵ O tema da mostra brincou com a significado das palavras Mal e Mau, tendo em vista que as histórias das mulheres lésbicas sempre eram contadas, propositalmente, de maneira distorcida ou simplesmente havia o apagamento da subjetividade lésbica.

Figura 10: Exibição do curta Motivos do Coração



Fonte: Acervo pessoal, 2006

O projeto foi viabilizado pelas parcerias com o Centro de Referência LGBT de Campinas, a Biblioteca Pública de Campinas “Ernesto Manoel Zink”, o Departamento de Mídias da Unicamp, a Logística de Produção - Log e a Consultoria de Produção e Cia de Produção - Imago; contou com o patrocínio do Ministério da Cultura e com o apoio de algumas empresas da região.

Nota-se, assim, que uma parte de nossa sociedade esteve, nesta primeira década do segundo milênio, comprometida com mudanças culturais relacionadas à sexualidade.

No final do ano de 2006, muitas integrantes do grupo anunciaram sua saída, propondo a extinção da organização, em decorrência de discordâncias internas sobre o Mo.Le.Ca transformar-se em um Ponto de Cultura (vez que o projeto do grupo havia sido aprovado para financiamento pelo Ministério da Cultura) e por entenderem que a militância tomava um espaço gigantesco de suas vidas, não tendo ocorrido uma renovação militante necessária para dar conta dos trabalhos do Mo.Le.Ca., que tenderiam a aumentar.

Nenhuma liderança do grupo – pelo menos até 2006 – vivia exclusivamente de seu trabalho com a militância. Todas tinham empregos remunerados e em quase seis anos ininterruptos de trabalho triplo (emprego, militância, casa) ou quádruplo (emprego,

militância, casa e família) algumas delas diziam-se exaustas, mesmo que esperançosas com os diálogos positivos com o Governo Federal, mas entendiam que transformar o Mo.Le.Ca. em um Ponto de Cultura de Campinas seria um encargo maior do que poderiam suportar.

Contudo, tal resolução foi negada por outras poucas integrantes que decidiram prosseguir com as atividades do grupo, e mesmo sendo vontade da maioria encerrar as atividades, todas concordaram que as que se opuseram ao encerramento assumissem o Mo.Le.Ca. dali em diante.

Mesmo sem uma parte de seu corpo de militantes, o Mo.Le.Ca realizou em 2007 o 3º Curso de Cidadania Lésbica, seguindo a estrutura das edições anteriores e propondo um sobrevôo aos avanços e retrocessos dos direitos LGBTQIA+ na últimas décadas do século XX, com destaque para o movimento lésbico e suas interfaces com o feminismo.

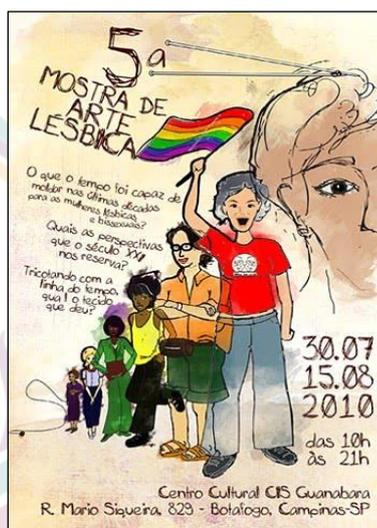
As discussões dessa terceira edição atentavam para a emergência de forças conservadoras, em oposição à ampliação da visibilidade LGBTQIA+ e das políticas públicas resultantes das pressões dos movimentos sociais. O curso encerrou-se lançando luz, no módulo final, sobre os entraves culturais, sociais e jurídicos opressores do livre exercício da expressão da sexualidade e da identificação de gênero, destacando a temática das disforias de gênero e os indivíduos inseridos na letra “T” (Travestis/Transessuais/Transgêneros). Algumas das integrantes do grupo que em um primeiro momento se colocavam como lésbicas, começaram a se reconhecer como homens trans.

No ano seguinte, em agosto de 2008, o Mo.Le.Ca. realizou a 4ª Mostra de Arte Lésbica, também no Centro de Convivência Cultural de Campinas, ainda contando com o apoio do Ministério da Cultura e da Prefeitura Municipal de Campinas. Mesmo com poucas integrantes e afastando-se cada vez mais do movimento estadual e nacional e de atividades políticas, o Mo.Le.Ca. continuava mostrando fôlego.

A 5ª Mostra de Arte Lésbica foi realizada de 30 de julho a 15 de agosto de 2010, com apoio do Ministério da Cultura, da Prefeitura Municipal de Campinas e do Centro Cultural de Inclusão e Integração Social – CIS Guanabara/UNICAMP, com o tema **Tricotando com a linha do tempo, qual o tecido que deu?**. Propunha a reflexão acerca

da homossexualidade feminina através do tempo. Como as mostras anteriores, todas as artes plásticas foram contempladas, com premiação aos trabalhos artísticos que se destacavam. Essa última Mostra ocorreu no Centro Cultural CIS Guanabara, de Campinas.

Figura 10: Cartaz da 5ª Mostra de Arte Lésbica



Fonte: Central de Notícias Gays, 2010

A 5ª Mostra de Arte Lésbica, em 2010, foi a última grande atividade do grupo Mo.Le.Ca., que encerrou suas atividades nesse mesmo ano.

Em 2019, a maior parte do acervo do grupo Mo.le.Ca., que estava espalhado por diferentes casas de integrantes do grupo, foi recolhida e repassada ao Arquivo Edgar Leuenroth, da Unicamp, com o auxílio da socióloga e pesquisadora Daniele Cordeiro Motta, integrante do grupo Identidade, no intuito de que este trabalho de militantes lésbicas campineiras, que motivou outras militantes por todo o país, não desapareça como tantas outras aventuras de mulheres ao longo da História .

Considerações finais

Em sua trajetória, a maior dificuldade encontrada pelo Mo.Le.Ca foi a falta de uma militância profissional, isto é, de ativistas que pudessem dedicar sua jornada de trabalho em prol do movimento lésbico e serem remuneradas para tal. O grupo contava com muitas integrantes, mas pouquíssimas que se dispunham a gerenciar o grupo e suas

atividades, sobrecarregando suas militantes, que acabavam tendo o voluntariado como uma terceira ou quarta jornada de trabalho.

Ao mesmo tempo o grupo nunca se estruturou para ter essa militância profissional. Preferiu o ativismo voluntário, motivado por um ideal político, por um lado, e evitando maiores burocracias trabalhistas, por outro.

Extremamente necessário foi o estabelecimento de um espaço de autorepresentação da mulher lésbica na região de Campinas, do uso de uma nova linguagem colocando o corpo lésbico como performance, renovando o repertório da imaginação do ativismo LGBTQIA+ na busca pela realização de novas subjetividades, em contraposição à rigidez das estruturas patriarcais, deixando marcas memoráveis na militância LGBTQIA+ regional e nacional e em suas participantes, como sempre comentam.

Sua projeção dependeu do intenso trabalho de suas ativistas, numa época em que as redes sociais, se não estivessem iniciando, teriam sido uma importante ferramenta de militância e de grande ajuda. Contou também com o coletividade que existiu e ainda existe entre os movimentos sociais que apoiam-se entre si, para além das divergências, dividindo espaços, construindo projetos comuns, trocando informações, trabalhando em conjunto e pressionando juntos os arcabouços das instituições por mudanças estruturais que acomodem todas as necessidades e vozes, num movimento de cuidado coletivo extremamente enriquecedor.

Os novos levantes urbanos, a partir da década de 2010, certamente valeram-se dessas linguagens performáticas e artísticas para insurgirem-se, expondo uma nova fase de expressão dos movimentos sociais, formas de expressões estas que o Mo.Le.Ca. defendeu até o seu último movimento.

Referências

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. 6.^a ed. ição, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro – RJ, 1991.

BRAH, Avtar. **Diferença, diversidade, diferenciação**. Cadernos PAGU, Campinas, n. 26, p. 329-376, jan.-jun. 2006.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO-POZO, Tristan David; MELO, Dilma de. **O curinga do teatro do oprimido: e sua atuação no movimento antiglobalização.** 2006. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida.** 4ª edição, Ed. Brasiliense: São Paulo, 1984.

COELHO AZUL. **Grupo Moleca promove a 5ª Mostra de Arte Lésbica de Campinas.** Notícias Gays, 23 jun. 2010. Disponível em www.centraldenoticiassgays.blogspot.com/2010/06/grupo-moleca-promove-5-mostra-de-arte.html. Acesso em 5 jun. 2020.

CORREIA, Sílvia; MARIA, Estanislau; LEITE, Fabiane. **Parada do Orgulho Gay reúne 200 mil pessoas; Marta quer semana gay.** Folha on line. Equilíbrio, 2001. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/2001-parada_gay-sao_paulo.shtml. Acesso em: 5 jun. 2020.

CORREIO POPULAR. **A arte usada como instrumento de uma causa.** Campinas, 7 ago. 2006, Caderno C, p. C1.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador 1: História dos Costumes.** Editora Zahar, 1990.

FALQUET, Jules. **Breve reseña de algunas teorías lésbicas.** 1ª edição, Ed. Fem-e-libros: México, 2004.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de Gênero e Sexualidade.** Antropologia em Primeira Mão, n. 24, Florianópolis, PPGAS/UFSC, 1998.

HOOKS, Bell. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista.** Rev. Bras. Ciênc. Polít. no.16 Brasília Jan./Apr. 2015.

LÊNIN, Wladimir Ilitch. **Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento.** Editora Avante, 1977.

MARCONDES JR., Genésio (dir.). **Motivos do coração.** Roteiro e Direção: Genésio Marcondes Jr. Diretor de Produção: Jorge Marcelo Oliveira. Campinas, 2006. 1 vídeo (13 min.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yWikN-1CLKY&feature=share&fbclid=IwAR1g3BMsLD3VLYN3kZ_bZ1TXLxDxYDjNXiZvg2JpUg1Ve1X6Kkr_pKBjNnE. Acesso em 07 jun. 2020.

MESQUITA, André. **Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva.** São Paulo: Annablume, Fapesp, 2011.

MOVIMENTO LÉSBICO DE CAMPINAS. **2ª Mostra de Arte Lésbica.** Campinas (SP), 2004.

MOVIMENTO LÉSBICO DE CAMPINAS. **Estatuto Social.** Campinas (SP), 2001. Arquivo: Acervo do AEL/Unicamp.

MOVIMENTO LÉSBICO DE CAMPINAS. **Mo.Le.Ca Movimento Lésbico de Campinas**. Campinas (SP), [2005]. Arquivo de powerpoint: MolecaPortfolio.ppt. Documento de arquivo pessoal.

MOVIMENTO LÉSBICO DE CAMPINAS. **Relatório de atividades culturais 2006**. Campinas (SP), [2006]. Arquivo de word: Portfoliobasico.doc. Documento de arquivo pessoal.

PAIVA, Marcelo Rubens. **Pirulitos e ódio**. Folha de São Paulo, São Paulo, 18 jun. 2001, Caderno C. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1806200103.htm>. Acesso em 08 jun. 2020.

SAFFIOTI, Heleieth. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. **Revista São Paulo em perspectiva**, vol. 13, nº 04, São Paulo, 1999.

YOUNG, Fernanda; MACHADO, Alexandre. **Os Normais**. 1. Temporada, Episódio 10 (Ler é normal). Direção de José Alvarenga Júnior. Rio de Janeiro, Rede Globo de Televisão, 2001. Série de Televisão.

MO.LE.CA. COMES OUT OF THE CLOSET:

A LESBIAN-FEMINIST ACTIVISM EXPERIENCE IN THE 2000'S

397

Abstract: This report lays out a brief history of the Mo.Le.Ca Group - Lesbian Movement of Campinas, which has existed for a decade (from 2000 through 2010), in the interior of the State of São Paulo. Mo.Le.Ca had the purpose of recovering and exposing memories of the political and cultural acts that have broken through the heteronormativity of the conservative city of Campinas-SP and it has served as inspiration to several lesbian activists all over Brazil. Mo.Le.Ca. used art to place lesbian and bisexual women at the heart of discussions, withdrawing their invisibility status, by promoting art shows, films, courses, theater of the oppressed, performances, among other initiatives.

Keywords: Mo.Le.Ca., Lesbian-feminist activism; Lesbophobia, Campinas City.

Recebido: 15/06/2020

Aceito: 22/12/2020